

## **Cuidados de saúde em Portugal, um dos melhores do mundo**

António Marujo, jornalista do setemargens.com

### **Defesa do Serviço Nacional de Saúde e homenagem a um dos sucessos da democracia foi o mote do terceiro dia do terra Justa**

Os cuidados de saúde em Portugal são “dos melhores em todo o mundo”, diz Francisco George, ex-director-geral da Saúde, e o Serviço Nacional de Saúde é mesmo um exemplo para outros países. Mas o SNS, que acaba de completar 40 anos, atravessa neste momento uma situação difícil que decorre do sub-financiamento em relação às necessidades e do facto de haver “dinheiros públicos que estão a ser entregues a serviços privados”.

A defesa do SNS foi o mote do terceiro dia do Terra Justa – Encontro Internacional de Causas e Valores da Humanidade, realizado em Fafe desde quarta-feira, dia 3 de Abril. Henrique Botelho, médico de Medicina Geral e Familiar e actual responsável nacional para a reforma do SNS na área dos cuidados de saúde primários, destacou, numa Conversa de Café, o “reconhecimento” do SNS português a nível mundial. “Não só pelo avanço que se conseguiu, como pelo tempo curto que mediou entre um sistema que se limitava à assistência e o que temos hoje, em que Portugal ombreia com os países mais desenvolvidos”.

O dia fez-se com duas conversas de café, a deposição de duas mensagens no Mural das Causas e também a inauguração da exposição evocativa e a homenagem a duas personalidades fulcrais do SNS: António Arnaut, o seu criador, e Francisco George, um dos principais rostos da sua concretização nestes 40 anos.

Em vários momentos, recordaram-se exemplos do que era o país antes da criação do Serviço Nacional de Saúde: os mais pobres tinham de pedir um atestado de pobreza para poder aceder a uma consulta no hospital; a mortalidade infantil tinha taxas altíssimas por todo o país (em Fafe, era superior a 30 por mil – hoje, está em 3 por mil, como referiu o presidente da Câmara, Raul Cunha, ele próprio médico de profissão); a esperança média de vida era dez anos inferior ao que é hoje; a mortalidade materna caiu 36 por cento, até uma taxa próxima do zero; só pessoas de classes altas e médias tinham acesso a cuidados médicos...

### **As dores de crescimento aos 40 anos**

Hoje, no entanto, o sistema sofre as dores do crescimento e da maturidade. Francisco George sintetiza algumas: o SNS fez progredir o país e colocou-o no topo (Portugal é o 41º país do mundo em economia e o 12º nos cuidados de saúde); nos últimos 10-15 anos, o sector privado veio desequilibrar o serviço público; há um problema de organização; e é preciso criar mais riqueza para garantir os dois milhões de euros necessários à compra de medicamentos.

“O conhecimento é a maior riqueza de um país e na saúde o conhecimento é fundamental e a criação de riqueza dispensa e disponibiliza meios para a saúde”, defendeu Martins Nunes, antigo secretário de Estado da Saúde num dos governos de Cavaco Silva, na Conversa de Café no Shake, no centro de Fafe.

Perante uma plateia com a participação de muitos jovens, Francisco George acrescenta outros dados: nenhum dos grandes hospitais privados trata o cancro ou os poli-traumatizados; os seguros de saúde ultrapassam já os 40 por cento; há problemas com a distribuição de médicos, psicólogos, enfermeiros e farmacêuticos. E conclui: “É preciso reduzir desigualdades, mas a principal desigualdade e o risco mais importante no acesso à saúde é a pobreza. Estamos muito melhor do que em 1974, mas é preciso distribuir melhor.”

Os seguros de saúde são um “paliativo”, não podem ser encarados como uma fonte de financiamento para o sistema, defendeu Henrique Botelho. Também não podem ser universais, porque estão sempre na dependência da entidade empregadora – e esse é o seu grande “constrangimento”, disse.

José Martins Nunes recordou que o direito à saúde é um direito constitucional: “Pagamos no IRS de acordo com as nossas possibilidades para podermos aceder aos cuidados de saúde e contribuir solidariamente para quem não pode.” E Henrique Botelho perguntou “como se pode casar a saúde como direito humano com a ideia da saúde enquanto negócio”.

“Foi na Declaração Universal dos Direitos Humanos que ancorámos a fundamentação do direito à saúde no SNS. Hoje é impensável voltar atrás, mas para isso tem de haver um exercício quotidiano de todos nós e os mais jovens têm de pensar que é necessária a sua defesa permanente”, disse ainda Martins Nunes, para recordar a expressão de António Arnaut: “O SNS é a travessa da democracia.”

### **O SNS é o que se porta melhor**

“No conjunto dos serviços públicos, aquele que melhor se comporta desde há 40 anos é o SNS”, defendeu o ex-secretário de Estado. Mas há ainda dificuldades a resolver. E insistiu nas dificuldades dos mais pobres na relação com o próprio sistema: “Um estudo recente diz que 20 por cento dos portugueses não têm possibilidade de comprar medicamentos comparticipados. A capitação por doente é das mais baixas, mas os custos para cada pessoa são dos mais elevados: não se pode aumentar mais o orçamento do SNS, mas também não se podem aumentar mais os custos para as pessoas.”

Henrique Botelho acrescentou que cerca de 80 por cento do dinheiro que se gasta na saúde é gasto nos últimos cinco anos de vida. Defendendo a mudança da designação de “cuidados de saúde primários” para “cuidados de saúde de proximidade”, referiu também o facto de vivermos mais e de, por isso, haver mais

doenças crónicas que exigem o tratamento o mais possível na comunidade”. E disse que é importante estudar como foi possível conseguir o que o SNS conseguiu, garantindo que ele continua a ser universal e “previdente”.

Carlos Guimarães, presidente do Agrupamento de Centros de Saúde do Alto Ave, sublinhou que a criação das Unidades de Saúde Familiar são um dos últimos factores de reforma importante no SNS. Agora, falta articular melhor as unidades de cuidados de saúde primários com os cuidados de saúde hospitalares.

Na homenagem da noite a António Arnaut e Francisco George, o professor universitário e deputado do Bloco de Esquerda, José Manuel Pureza, considerou que “o país tem uma dívida irrevogável para com António Arnaut”. O SNS é um “lugar maior da democracia”, disse, para afirmar a seguir: “Ao chamar-lhe pai do SNS, o país mostra que reconhece em António Arnaut alguém que o ama, cuida e por ele se bate e entrega. A maior homenagem que lhe poderíamos fazer seria uma lei que resgatasse o SNS da descaracterização a que tem estado submetido por interesses económicos”.

A propósito da acção de Francisco George, “homem de integridade rara”, acrescentou o deputado: “Precisamos de divulgadores populares da saúde” como o ex-director-geral e actual presidente da Cruz Vermelha Portuguesa.

Ana Paula Arnaut, filha do antigo ministro e criador do SNS que morreu há menos de um ano, agradeceu, sensibilizada, a homenagem do Terra Justa ao pai. E disse: “Para António Arnaut, o lugar da utopia e o ‘ali ao lado’ é o próprio Homem.”